

P  
Hno de Sa

~~Sermones, variis  
& panegyricis~~

---

Antoni de Sa P. S.

1692

PA. 137. 689 (A-20)

A 102 434

# S E R M A M

QVE PREGOV O P. ANTONIO VIEIRA DA

Companhia de IESVS, na casa professa da  
mesma Companhia

NA FESTA QVE FEZ A S. ROQUE ANTONIO

Telles da Silva, &c.

Ut cum venerit, & pulsaverit, confestim aperiant ei.

*Luca cap. 12.*

**V**erdadeiramente, que se algũ hora piéguei sobre thema forçado, se algũ hora não tive liberdade de eleição sobre as palavras do Evangelho, foi na occasiã presente. Nem eu pudera tomar outro thema, que o q̄ propuz, nẽ poderei seguir nelle outra exposiçã, q̄ a q̄ logo direi, de S. Gregorio. O fim, & intento de todo o Evangelho he querer Christo seus servos vigilãtes, & preparados para quando lhe bater à porta. Isso vẽ a dizer em summa as nossas palavras: *Ut cum venerit, & pulsaverit, confestim aperiãt ei.* Se pergũtarmos aos Doutores, quãdo, & de q̄ maneira bate Deos às portas de nossas almas: responde S. Gregorio Papa no sentido mais literal, q̄ todos seguem: *Pulsat cum per agritudinis molestias esse mortem vicinam designat*: q̄ nos bate Deos às portas d' alma por meyo das enfermidades do corpo. Se pergũtarmos mais quãdo, & de q̄ maneira abrimos cõ pontualidade a Deos; responde o mesmo S. Doutor, & cõ elle inuitos outros: *Cui confestim aperiimus si hunc cum amore suscipimus*: q̄ a  
A bri.

brimos a Deos com pontualidade, quando o recebemos  
cô amor. De sorte q̄ o bater, & o abrir das portas de nos-  
sa alma consiste em bater Deos por enfermidade, & em  
abrirmos nòs por charidade. *Pulsat per agritudinis molesti-  
as, Aperimus si cum amore suscipimus.* Bem disse eu logo, q̄  
nẽ pudera tomar na occasiã presente outro thema, nẽ  
seguir nelle outra exposiçã. Celebramos hoje as glo-  
riosas memorias do Illustrissimo confessor de Christo  
S. Roque, cujas portas fermosissimas d'alma se estaõ vẽ-  
do tam batidas, & tam abertas, q̄ duvido qual mais qui-  
se fazer nellas a providẽcia Divina se theatro de sua  
paciencia ao Ceo, & exemplar de sua charidade á terra.  
Encontraõse às portas daquella alma no mesmo tẽpo  
duas mãos, por fora a de Deos batendo; por dẽtro a de  
Roque abrindo, & ainda q̄o amor nã se conquista cõ-  
golpes, quam riguroso insistia Deos no bater, tã amo-  
roso se mostrava Roque ao abrir: Deos batia por enfer-  
midades *Pulsat per agritudinis molestias.* Roque ábria por  
charidade. *Aperimus si cum amore suscipimus* Supposta esta  
conformidade facil do Evangelho, parece q̄ se encami-  
nharã o nosso discurso a S. Roque pella correspondẽcia  
maravilhosa que, teve sua charidade cõ suas enfermeda-  
des. E ainda q̄ eu estava mais para pedir ao S. remedio  
das proprias, q̄ para ponderar finezas das suas; diremos  
em quãto pudermos cõ o favor da Divina graça. *Ave M.*  
*Vt cum venerit, & pullaverit, confestum aperiant ei.*

I Suposto, que nos bate Deos às portas d'alma por  
meio das enfermidades do corpo, hũa couza muy sin-  
gular acho no glorioso logeito de nossa oraçã, & he, q̄  
foi tãõ vigilante servo S. Roque em acudir ao bater de  
Deos,

Deos, q̄ naõ sò acudio, pontualmente quando lhe batia ás portas proprias, senaõ tambem quando batia ás alheas. Lá bateo hũa vez o esposo às portas d'alma Santa; & cõ ser Santa, acudio tam pouco diligente, q̄ quãdo chegou a abrir já o esposo cansado de esperar se tinha partido: *Surrexct vt aperirẽ dilecto meo; at ipse declinaverat, atque transferat.* Verdadeiramẽte q̄ se a esposa dos Cantares não representàra as almas de toda a Igerja, creio que deixara Deos a alma Santa, & se desposara cõ a alma de Roque. A alma santa talvez acode a Deos, quando lhe bate ás portas proprias. Roque, ou lhe bata Deos às proprias, ou às alheas sempre acode diligente.

E se me perguntaõ quando aconteceu isto a S. Roque, quando acudio cõ esta pontualidade a hũ, & outro bater de Deos? digo q̄ sempre, em duas occasioens: ou quando lhe batia Deos às portas proprias, por meyo de enfermidades suas, ou quando batia às portas alheas por meyo das enfermidades dos proximos: *Pulsat per agritudinis molestias.* Andando taõ fervoroso em hũ, & outro abrir sua charidade: *Aperimus sicum amore suscipimus:* que das enfermidades alheas adoecia, & cõ as enfermidades proprias curava: das enfermidades alheas tirava doença para si, das enfermidades proprias tirava saude para nõs. Naõ he modo de encarecer, senaõ verdade liza. Quãdo S. Roque sahio de Frãça para Italia, o exercicio, & instituto de vida q̄ tomou foi servir aos enfermos nos hospitaes, donde [posto q̄ curou muitos milagrosamẽte] sahio com hũa grave enfermidade, q̄ lhe deu larga materia de paciẽcia. Voltãdo à patria, & chegando selhe o fim dito de sua peregrinaçaõ, permitio o Sñor, q̄ fosse ferido

de peste, de q̄ morreo em breves dias; mas despois de morto, foi achado com huã taboa nas mãos escrita por ministerio de Anjos, na qual prometia, q̄ todos os enfermos de peste, q̄ se encomendassẽ em sua intercessão, farariaõ da quelle mal. Assi q̄ das enfermidades alheas tirava doença para si, & das enfermidades proprias tirava remedio para nõs. Quando serve aos enfermos toma por premio a doença; quando morre da enfermidade, deixa em testamento a saude. Atè aqui pontualidade de acudir a Deos, atè aqui engenhoso artificio, & artificioso extremo de charidade! Adoecer cõ as enfermidades alheas, & curar cõ as enfermidades proprias. Excellencia he esta q̄ sõ duas vezes acho escrita, huma vez junta, outra dividida: se dividida em S. Paulo, & Christo; se junta no glorioso S. Roque.

II. Vay contado S. Paulo o muito q̄ tinha padecido em serviço dos proximos, & diz assi aos Corinthios: *Quis infirmatur, et ego non infirmor*: que homẽ ha q̄ adoeça, q̄ não enferme eu tambem com elle? Notavel dizer! Parece q̄ ou a charidade de hũ bem contagioso, q̄ se pèga a todos os males, ou todos os males sãõ contagiosos em respeito da charidade, q̄ se pegãõ a quem a tem; *quis infirmatur, & ego non infirmor?* Mas como pòde ser (vamos à razão) como pode ser, q̄ adoeçesse S. Paulo das enfermidades alheas, & q̄ sentindo cadabum as suas, Paulo padecesse as de todos; Là os outros enfermavam, & cã Paulo adoecia! como pode isto ser? Na charidade do Apostolo temos a soluçãõ da duvida. Como a charidade essencialmente he uniãõ, & uniãõ perfectissima, de tal maneira une os proximos entre si, q̄ se eu tenho charidade,

dade, cada proximo he outro eu, *ut sint unum, sicut nos unum sumus*, & como por estes laços sobrenaturaes os homẽs se unem entre si, & se identificaõ reciprocamente; daqui vem q̄ pode, antes deve cadahum adoecer das enfermidades do outro, porq̄ necessariamente hão de ser os accidentes cõmuns onde o fogeito he o mesmo. Por isso S. Paulo (& o mesmo digo de S. Roque) adoecia das enfermidades alheas, & sentindo cadahum as suas, elle padecia as de todos; tudo por beneficio de sua charidade. Adoecia das enfermidades alheas porq̄ a uniaõ reciproca do amor as fazia proprias; & sentindo cada hum o seu mal, elle padecia o de todos, porq̄ sendo hũ sò por natureza era todos por charidade. *Quam admodum si uniuersa orbis ecclesia esse sit in unoquoque membro discruciabatur*, diz S. Ioaõ Chrysostomo. Adoecia em todos por sentimento, porque vivia em todos por amor. *quis infirmatur, & ego non infirmor*

Donde ami me parece, podemos dizer por hũa certa analogia q̄ o q̄ lhe faltou a Deos em quãto causa primeira por perfeiçaõ de sua simplicidade, suprio S. Paulo, & S. Roque por perfeiçaõ de sua charidade. Deos N. S. (como ensinaõ os Teologos) he primeira cauza activa mas não he primeira cauza passiva. He primeira cauza activa, porq̄ por sua immensidade, & omnipotẽcia obra cõ todos os que obram, concorrendo juntamente cõ elles; & nam he primeira causa passiva, porq̄ por sua simplicidade, & immutabilidade, não pode padecer em si, nem receber accidentes estranhos. De maneira q̄ obra Deos con todos os q̄ obram, mas não padece com os q̄ padecem. Pois esta generalidade, & extensaõ, que tem

Deos, em quanto causa primeira por perfeição de sua simplicidade, esta suprio S. Roque cõ S. Paulo por perfeição de sua charidade. Deos como primeira causa activa, obra com todos os q obram, Roque como primeira causa passiva, padece com todos os q padecem, & assi como he brazam da Omnipotencia Divina, que ninguem pode obrar sem Deos. *Sine me nihil potestis facere*; assi he brazam da charidade de Roque q ninguẽ pode padecer se elle. *Quis infirmatur, & ego nõ infirmor?*

III Este sois divino Roque, este ao mundo todo por beneficio, & este aos Religiosos desta caza por imitação; q pouco fora recebello debaixo de vosso patrocinio, se lhe nam communicareis juntamente as gloriosas participações de vosso fervoroso spiritu. Verdadeiramente q quando cõsidero (sejame licito ao menos pelos privilegios de estranho dizer o q venero, & o q admiro) quando considero a verdade com q pòde dizer a casa de S. Roque: *Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Que enfermidades, q males, q trabalhos ha em Lisboa, q a charidade desta casa naõ participe: Nos hospitaes, nos carceres, nas afflicções, & sentimentos particulares, q sepre saõ mais q os publicos que os padece neste grande povo, q naõ reparta sua paciencia com a charidade dos Religiosos desta casa? Que enfermo q os naõ tenha á cabeceira? q preso q os naõ ache à grade? q cõdenado q os naõ leve consigo ao lugar do supplicio? finalmete, q necessidade spiritual, ou tẽporal q naõ venha buscar aqui, ou o remedio, ou alivio, ou a cõpanhia? Quando tudo isto cõsidero, me persuado q deve esta graça a Cõpanhia ao glorioso padroeiro desta casa, & q agozaõ os  
Reli-



Religiosos della, mais por padres de S. Roque, q̄ por filhos de S. Ignacio Lá quãdo aquelles Anjos peregrinos se agazalharaõ em casa de Abrahaõ, louva muito Lypomano a charidade cõ que Sara, & Ismael os serviaõ, mas naõ conhece nelles esta virtude pello q̄ tinhaõ de parêtes, senãõ pello q̄ tinhaõ de domesticos de Abrahão *Vxor accellera puer festinat: nullus piger est in domo sapientis.* De maneira q̄ era filho Ismael de Abrahão, mas aquella diligẽcia, & charidade nãõ resplandecia nelle, porq̄ nascera de seu sangue, senãõ porq̄ vivia em sua casa: era filho dilegẽte, & charitativo, mas naõ era diligente charitativo por filho, senãõ por domestico, *Nullus piger est in domo sapientis.* Algũa razaõ tenho eu logo para dizer, q̄ devem os Religiosos desta, casa os fervores de sua charidade a S. Roque mais q̄ a S. Ignacio: porq̄ de S. Ignacio saõ filhos, mas de S. Roque domesticos. Naõ saõ isto privilegios da filhaçaõ, saõ proveitos da moradia: no instituto, saõ obrigaçoens da vida q̄ professamos, no exercicio, saõ influẽcias da casa em q̄ vivemos.

Nem eu cuido q̄ se poderã agravar meu Padre S. Ignacio de eu o considerar assi, porq̄ estas graças, ou estas glorias todas tornaõ a demandar a fonte donde manaraõ, & S. Roque tãbẽ foi filho de S. Ignacio. Naõ digo isto por querer imitar a devaçãõ, cõ q̄ algũas Religioens perfilharaõ os Santos alheos, porq̄ estes piadosos latrocínios sãõ se podem dissimular (posto q̄ nam encubrir) na cõfuzãõ das antiguidades, & a nossa religiãõ he taõ pouco antigua, q̄ mais se conhece de vista, q̄ de memoria. O q̄ digo, & o q̄ entendo, he q̄ S. Roque foi professo da Companhia em Spirito, & filho de S.

Ignacio em Prophecia. A forma de vida, q̄ por morte de seus pays tomou S. Roque foi esta: renuncia seus estados, q̄ era senhor de Mompelher, reparte cō os pobres suas riquezas, parte a Italia, & alli, como dissemos, applicase a servir aos enfermos, tratando do remedio de seus males, como se foram proprios. Pois glorioso Roque, Francez Divino, q̄ impetu de spirito he este vosso? que trocados de vida saõ estes taõ contrapostos? aqui renũciais os bẽs proprios? alli tomais á vossa conta os males alheos? Si; q̄ isto he ser professo da Companhia. O instituto da Cõpanhia professa, cõsiste em renũciar os bens proprios, e fazer proprios os males alheos. Cõsiste em renũciar os bẽs proprios, porq̄ nenhũa casa professa da Cõpanhia pò de ter propriedade algũa, nem ainda para o culto Divino, de q̄ he tam zelosa: & consiste em fazer proprios os males alheos, porq̄ esse he o voto, & o brigaçaõ dos professos, acudir aos males communs, & dos proximos como se foraõ proprios, & particulares. Este he o instituto da Cõpanhia professa, e esta a vida, q̄ professo S. Roque, seguindo em prophecia os exemplares de seu, & nosso Padre S. Ignacio, & para q̄ não cuide alguem q̄ perverte a ordem dos tempos, & chamo exemplares aõ q̄ devẽra chamar imitaçoens, fiarmeha o pẽsamento S. Isodoro Pelusiota, q̄ ainda em mais anticipada acçaõ o considerou assi.

Considera S. Isodoro Pelusiota o amor, & resulaçam cõ q̄ Rebecca para grangear a bençaõ a Iacob se expoz ao perigo da maldiçaõ q̄ elle temia, e diz desta maneira *Rebecca Apostolica animi magnitudini prædita.* verdadeira-mente Rebecca cõ grandeza de animo Apostolico: notai;

Rebecca foi antes da vinda de Christo mais de dous mil annos, & ja entã diz S. Isidoro q̄ seguia as pisadas dos Apostolos, & q̄ copiava em anticipadas imitaçoens os futuros exemplares de seu spiritu. E isto como, ou em q̄? Advertidamente o Pelo siota. *Vt ipsius filius benedictione consequeretur bonis quidem ipse cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat.* Consistia esta imitaçã do spiritu Apostolico em q̄ Rebecca pera negociar a bençaõ a Iacob renunciava nelle todos os bens, & tomava para si todos os males: *bonis quidem ipsi cedebat, mala autem ipsa sola sufferre parata erat.* Esta he a summa de perfeiçã, & profissaõ Apostolica fazer alheos os bens proprios, & fazer proprios os males alheos. E se porq̄ o fez assi Rebecca diz S. Isidoro q̄ imitou em a Prophecia o spiritu dos primeiros Apostolos, q̄ muito q̄ fazendo o mesmo, S. Roque, diga eu tambem q̄ imitou em prophecia o fundador dos Apostolos segundos? Mas seja embora como a devaçã de cada hum o quizer considerar, o certo he q̄ de S. Roque mais immediatamente se deriva aos Religiosos desta casa aquelle fervoroso spiritu de charidade, cõ q̄ despois de alienarẽ de si todos os bens proprios, se a propriaõ, taõ intimamente dos males dos proximos, q̄ puderaõ bem dizer se o não callãra sua modestia cõ o Apostolo: *Quis infirmatur, & ego non infirmor.*

Assi dizia S. Paulo, & melhor q̄ assi o pode dizer S. Roque: porq̄ ainda q̄ S. Paulo diga a boca cheia q̄ adoeçia de enfermidades alheas: *Quis infirmatur, et ego non infirmor?* he certo, & todos os Doutores interpretaõ assi, que sò adoeçia spiritualmente por sentimento, & não corporalmente por enfermidade. Porem o zelo, sem exê-

plar ,de Roque, de tal maneira o entranhava nos males dos proximos, q̄ não sò adoecia na alma por sentimento compassivo, senão q̄ chegou a adoecer no corpo como vimos, por enfermidade verdadeira; vencendo nesta circumstancia de charidade a mesma charidade de S. Paulo. Dizia de si o Propheta Rey *Tabescere me facit zelus meus, id est charitas mea*: o meu zelo, a minha charidade me faz andar palido, andar enfermo, andar tifico, andar mirrado. Pois como he o zelo charitativo he hũa virtude q̄ está na alma, como adoecia de zelo David, & se entificava no corpo: *zelo corpore tabescit*; Glosa aqui a Interlineal. A razão deste excessso he porq̄ os affectos de nossa alma se sam extremadamēte intēsos ateamse pella visinhança ao corpo, chegando o corpo a padecer por enfermidade o q̄ a alma padece por sentimento. O calor naturalmente dilata; & como a charidade he hũ affecto ardente, chega tal vez adilatarse tanto, q̄ não cabendo na estreiteza onde nasceo, ou rebenta o coração, & morrestes: ou se communica ao corpo, & enfermastes: *Tabescere me facit charitas mea*, Tal foi a charidade de Roque não chegando a ser tal a charidade de Paulo: para q̄ se veja quam vigilante servo se mostrou em abrir a Deos quando lhe batia às portas alheas por meyo das enfermidades dos proximos. *Ut cum venerit, & pulsaverit pulsat per agritudinis molestias confestim aperiant ei: aperimus si cū amore suscipimus.*

III E amor q̄ era taõ Argos em acudir a Deos quando batia às portas de outros, ja se vê quam vigilante feria em abrir quando lhe batia às suas. Andou taõ engenhosa tambem aqui a charidade de S. Roque, q̄ se lá em

emulação de S. Paulo soube adoecer com as enfermidades alheas , á em imitação de Christo soube curar cõ as enfermidades proprias. Fazer das enfermidades proprias medicina he privilegio soberano, q̄ sò em Christo Senhor nosso se acha, de quẽ diz o Propheta Isais , *livore ejus sanati sumus*, q̄ suas enfermidades, ou dores foraõ nossa saude . Com menos facilidade, mas cõ mais galantaria o disse o Evangelista S. Matheus, & he hum dos textos de sua historia , q̄ reconhecem os interpetres por mais difficultosos. Sárou Christo em Capharnaum grande multidaõ de doctes de diveras enfermidades, e referindo S. Matheus este milagre, diz assi. *Omnes males habentes curavit, ut adimpleretur quod dictũ est per Isaiam prophetam dicentem ipse infirmitates nostras accepit, & aegritudinis nostras portavit* Curou Christo todos os enfermos, q̄ lhe apresentaraõ diz S. Matheus, & aqui se comprio o q̄ disse o Propheta Isaias, que tomaria Christo em sy nossas penas, & padeceria nossas enfermidades: Notavel allegar de profecias por certo? Se Christo estava curando enfermos, & a profecia diz q̄ havia de padecer nossas infirmitades, como se comprio neste caso a profecia? Padecer infirmitades, & curar enfermos, he a mesma cousa? Em Christo sy; a mesma cousa he em Christo padecer enfermidades q̄ curar enfermos, poi q̄ a paciencia de suas dores foi o remedio, & medicina das nossas: *livore ejus sanatis sumus*. Por isso o Evangelista quando vio a Christo milagrosamẽte medico logo o cõsiderou infallivelmẽte enfermo, porq̄ aquelles effeitos de curar eraõ certezas de adoecer, Onde a enfermidade era medicina não podia ter saude quem a dava *Et de fuit sanitas ne nobis deesset*: disse com propriedade o O leastro. Tal

Tal o grande imitador da charidade de Christo S. Roque; q̄ do sofrimêto de suas enfermidades fez merecimento de nossa laude, & morreo ferido de peste sem remedio, para q̄ tivessẽ remedio os feridos de peste. Quẽ visse estar morrêdo do mal de peste a Roque, & o tivessẽ visto curar milagrosamête a tantos do mesmo mal, parece q̄ podera dizer ao Santo por admiração o q̄ no calvario disserão a Christo por afronta. *Alios salvos fecit se ipsum nõ potest salvum facere*: pode salvar aos outros, & assi não se pode salvar. Pois se fãrou de peste a tãtos, porq̄ senão cura também assi? Sabeis porque? Não se curou S. Roque assi, porq̄ quiz que sarassamos nõs: *Et de fuit sanitas nõ nobis deesset*. Offerreceo a Deos sua enfermidade por nossa saude, sua vida por nossa morte: adoeceo para que sarassemos, morreo para q̄ vivessemos: & ainda que tinha virtude milagrosa para curar de peste, não quis empregar esta graça em sua vida para poder testar della na morte. Assi o diziaõ as taboas de seu testamêto. Ha mais fino amor dos proximos? ha mais perfeita, ha mas divina charidade q̄ esta? Julga por tam divina, q̄ não foraõ menos q̄ demonstraçoens de divindade em Christo, os que foraõ effeitos de charidade em Roque.

Esteve S. Thome incredulo da resurreição cõ os outros discipulos, entra Christo cõ as portas cerradas abre as das mãos, e do lado chega Thomè, e apenas tinha visto, ou tocado as chagas, quando cae aos pès do Senhor dizendo: *Dominus meus*, & *Deus meus*: reconheço Sñor q̄ sois o meu Senhor, & creyo q̄ sois meu Deos. Mais cre Thomè do que duvida: porque sò duvidava de hũ homem resucitado, & reconheceo mais por Deos verdadeiro.

deiro. Pois, discipulo incredulo, atègora naõ crieis tam obstinado como ja crèdes taõ resoluto? E se nõqua reconhecestes em vosso mestre mais q̃ a humanidade, como o confessais por Deos tam subitamete! q̃ he o q̃ vistes nelle! q̃ he o q̃ descobristes de novo! Vi (diz Thomé) q̃ deixou este Senhor as mãos, & lado aberto para réder minha incredulidade, & que naõ fecha as suas chagas, para ter com que curar as minhas, he mais q̃ homem he Deos: *Dominus meus, & Deus meus!* *Novo genere vestigia vulnerũ divinitate perhiberent testimonium.* Exclama Santo Agostinho: cousa nova, & prodigiosa, que chagas de hũ corpo humano sejaõ testimunho de natureza divina. Mas que menos se pode arguir, que divindade, em quem deixa abertas chagas proprias para ter com que curar as alheas? *Voluit exhibere in illa carne citratices vulnerum ut vulnere sanare incredulitatis,* diz o mesmo S. Agostinho. Estes pois q̃ foram argumentos de divindade em Christo, foraõ effeitos de charidade em Roque; o qual podendo sárar do mal de q̃ estava ferido, naõ quiz fechar suas chagas para ter com que curar as nossas, & renunciado, com mayor milagre, os milagrosos privilegios de sua virtude, quiz morrer indefenso às mãos da peste, para que a peste morresse a suas mãos. Assi abria Roque por charidade, quando assi batia Deos por enfermidades. *Pulsat per agritudinis molestias, aperimus si cum amore suscipimus.*

V. Amãos de Roque morreo, & morre a peste, ou reconhecendo a virtude, ou obedecendo à violencia de sua intercessam; onde eu noto, quant bem se corresponde aqui o premio, & o merecimento

porq̄ este segundo curar foi premio daquelle primeiro adoecer. Sobre o *Præcinget se: & sint lumbi vestri præinctido* Evangelho, notou com agudeza S. Pedro Chryso- logo que paga Deos na mesma moeda os serviços, q̄ lhe fazem os homens. Cingivos pera me servir a mi, diz Christo, q̄ eu me cingirey (quem não affombra!) para vos servir a vós. E como a liberalidade de Deos he tão pontual nas correspondencias: com q̄ mais igualmente se avia de primiar hum bem contagioso, q̄ cõ dominar males contagiosos? Lã dissemos no principio q̄ a charidade de S. Roque em emulação de S. Paulo era hum bem contagioso, q̄ se pegava aos males, pois em pago de hũa virtude, q̄ he bem contagioso, dese a Sam Roque virtude de curar males contagiosos. Algũa cou- sa disto temos em Ioseph.

Amava sua Senhora a Ioseph tão perdidamente como sabemos; passou a affeição a locura, passaraõ as signifi- ficaçoens a violencias: deixoulhe em fim o casto moço a capa nas mãos, & daqui se trocou aquelle excessivo amor em taes excessos de aborrecimento, q̄ dos laços de- seçados se forjaram prisãoes executivas, & foi posto em ferros Ioseph. Pois, Egypcia infiel, q̄ mudança he esta tão repétina? Pouco ha tanto amor, & agora tanto abor- recimento? Se querias conquistar a vontade de Ioseph; principio foi de victoria, ficar com os despojos nas mãos. Pois porque nam continua teu amor a empre- sa; porque a borreces tanto, a quem amavas ha tam pouco? Quereis ouvir com admiração, porque; Porque lhe ficou nas mãos a capa de Ioseph. Assi como se pegaõ as enfermidades, tambem se pega a saude. Se bastão os

ves-



vestidos de hum enfermo para se pegarẽ os achaques do corpo, tambem bastaõ os vestidos de hum S. para se pegarem os affectos d'alma. Qual cuidais q̄ foi o principio da conversão de S. Paulo? Altamente o penetrou o juizo de Bernardo. Entre os q̄ apedrejavaõ a S. Esteuaõ andava tambem S. Paulo antes de convertido, o qual foi tam venturoso q̄ lhe coube à sua conta guardar as vestiduras do martyr. *Deposuerunt vestimenta sua secus pedes adolescentis, qui vocabatur Saulus.* E q̄ se seguiu dahi? Seguiose, diz S. Bernardo, q̄ pello toque daquelas roupas, começou Deos a lhe tocar na alma; & dos vestidos de Esteuaõ a quem apedrejava, se lhe pegou a mesma Fè, porque Esteuaõ morria. *Deponantur vestimenta martyrũ ad pedes persecutoris, qui ad tactum sacrarum vestiam fuerat convertendus.* Com particular providencia do Ceo se entregaraõ ao perseguidor os vestidos do martyr, para que tocandoos se lhe pegasse a fè, & viesse a seguir, como veyo, a ley q̄ perseguia. *Qui ad tactum sacrarum vestiam fuerat convertendus.* Assi se cõverteo Saulo em Paulo, & assi se trocou o amor da Eglypcia em aborrecimento. Ficou a Eglypcia com a capa de Ioseph nas mãos: *Relicto in manus ejus pallio fugit;* & como pellos vestidos dos Santos se pegaõ as inclinaçoens, & affectos da alma, aborreceo logo a Eglypcia a Ioseph por q̄ Ioseph aborrecia a Eglypcia. Cõmunicou selhe o aborrecimẽto ao coraçãõ pello tacto, & pegou selhe a desafeiçãõ de Ioseph, sò porque pegou em suas roupas sagradas; *Ad tactum sacrarum vestrum.*

Mas donde mereceo Ioseph (ainda naõ fechamos o pensamento) donde mereceo Ioseph que se lhe con-

cedesse já entãõ o que foi privilegio singular do pro-  
thomartyr, & q̄ ao toque santamente contagioso de  
suasroupas se produzissem taõ maravilhosos effeitos?  
Se hey de dizer o que entendo, acho que nesta mes-  
ma acçaõ teve Ioseph o merecimento, & o premio. E se  
naõ, pergũto, porque deixou Ioseph a capa nas mãos da  
Egypcia; Deixar em poder de seu enemigohũa testimu-  
nha falça contra sua innocencia, mais he temeridade,  
que confiança. Pois porque naõ faz força para trazer a  
capa consigo, porq̄ naõ resiste, porq̄ a larga das mãos?  
Venturosamente ao intento S. Ambrosio *Contagium ju-  
dicavit si divitus moraretur, ne per manus adulteræ libidinis in-  
centiva transfierent, itaque vestem exiit.* Largou Ioseph a  
capa nas mãos de Egypcia porq̄ julgou q̄ era mal con-  
tagioso seu torpe amor, & naõ quiz q̄ pellasroupas se  
lhe pegasse a peste. *Cõtadium judicavit; itaque vestem exiit.*  
*Absy!* E Ioseph tem por mal contagioso o amor da Egy-  
pcia; pois seja bem contagioso o desamor de Ioseph.  
Vos tẽdes por mal contagioso sua impureza; pois se-  
ja bem contagioso vossa castidade. De sorte q̄ juntamẽ-  
te naquella capa avia hummal, & humbem ambos  
contagiosos: o torpe amor da Egypcia de cujo conta-  
gio fugio Ioseph, & o casto de amor de Ioseph, cujo cõ-  
tagio em parte se pegou à Egypcia. Pois assi como  
Deos concedeo a Ioseph q̄ fosse bem contagioso sua  
virtude, porq̄ teve por mal cõtágioso o vicio alheyo; as-  
si concedeo! a S. Roque q̄ sãrasse de males contagiosos  
sua intercessãõ, porq̄ fora bem contagioso sua chari-  
dade. Foi a charidade de S. Roque humbem taõ cõta-  
gioso, q̄ se lhe pegavaõ os males, & doenças de todo:

*Quis infirmatur, & ego non infirmor?* Pois seja digno premio desta contagiosa virtude q̄ todos os males se rendam a seu imperio, & q̄ naõ haja contagaõ, nem peste no mûdo, onde chegar a intercessãõ, & nome de Roque.

VI. Estes saõ os merecidos prodigios de vossa charidade, glorioso, & poderoso Santo; & pois como divino avogado da peste exercitais taõ obedecido dominio sobre todos os males contagiosos, hũa petiçaõ vos quero fazer, q̄ será a materia desta segunda parte, ffo q̄ vos naõ seja menos agradavel, q̄ a primeira, porq̄ os animos dezejosos de fazer bẽ, mais os lisõgea quẽ lhes pede q̄ quẽ os louva. A petiçaõ q̄ faço, e a mercè q̄ vos peço, divino Roque, he q̄ livreis o nosso Reyno de duas pestes muy perigosas, q̄ naõ sey se vaõ ja corrõpêdo o saudavel clima de seus ares. São cõsequências da guerra estas taõ certas, como danosas: *Surget gens ingentem, & regnũ adversus regnum, & erunt pestilentie*. Alguns haverã q̄ seguindo a resoluçã de David dezejariaõ antes remedio para a guerra que para a peste: mas eu pella mesma razã temo mais os rebates da peste, q̄ os rebates da guerra. Poz Deos a David em sua eleiçaõ q̄ de dous ou tres males, q̄ lhe ameaçava, escolheffe livremente o q̄ mais quizeffe: & com ser taõ grande soldado David, quiz antes peste q̄ guerra. A razã deu o mesmo Rey, como aponta o texto. *Quia melius, vt incidam in manus Domini, quam in manus hominum*. Porq̄ a guerra estava nas mãs dos homens, & a peste nas mãs de Deos; sempre sam menores os males, q̄ se dispensã pella mã de Deos, q̄ os q̄ se executam pella mã dos homens. Por esta razã temeo mais David a guerra, q̄ a peste; & pella mesma

temo eu mais a peste que a guerra; porq̃ se lã a guerra estava nas mãos dos homens, & a peste nas mãos de Deos, cã a guerra estã nas mãos de Deos, & a peste nas mãos dos homens. A guerra estã nas mãos de Deos, porque Deos a tomou à sua conta, & nos dà taõ milagrosos successos como cadadia vemos: & a peste estã nas mãos dos homens, porque os homens sam os que encontraõ (naõ fallo das tetaçoens, senaõ dos effectos) ou ao menos desajudam o bem da patria.

Ora eu me puz a considerar como chamaria a estas duas pestes, que digo de Portugal; & por lhe naõ fazer as deffiniçoens compridas, deffinias assi. Pouca fee, & muita fee. Pouca fee, isto he pouca fidelidade: Muita fee, isto he muita confiança. Muito confiados & pouco confidentes sam em Portugal os feridos da peste, de que Deos nos livre. Máo he que tenhamos occasiam de dizer isto entre Portugueses, mas pior fora se senam estranhãra. Cuido que o mostrarey de maneira, que ao menos, senam persuadir o remedio, hey de justificar o queixume. Que esteja apestado de pouca fee Portugal o povo diz commumente, & cuida, que o prova; mas ainda que authoridade de povo he tam grande, que ella só bastou para canonizar a Sam Roque, julgue Deos os coraçoens de cada hum, que eu sò das mãos quero fazer juizo. Argumento assi. He certo que nas Cortes passadas se prometteram subsidios para a guerra quantos fossem necessarios à conservaçam do Reyno. Tambem he certo que se intentãram donativos, que se multiplicaram tributos, que se introduziram decimas, que se acrecentou à moe-  
da

da o cunho, & o preço; & cõ tido vemos que he neces-  
fario repetir Cortes para arbitrar novos modos de tirar  
dinheiro effectivo, porque cada hum guarda o seu, & ha  
muy poucos que paguẽ o que lhes toca. Os muitos po-  
derosos por privilegio, os pouco poderosos por impossi-  
bilidade, cada hum trata de lançar a carga aos hombros  
do outro, & tal vez caẽ no cham, porque nam ha quem a  
sostente. He isto assi? ainda mal. Bem digo eu logo, que  
ha pouca fẽ em Portugal. Fẽ taõ apertada de mãos, naõ  
he verdadeira fẽ.

Diz Christo no nosso Evangelho: *Lucernæ ardentes  
in manibus vestris*: Que tenhamos tochas accezas nas  
mãos. Suposto que o lume destas tochas signifição  
lume da fẽ; porque diz Christo que o tenhamos nas  
mãos: *In manibus vestris*? Os actos da fẽ, no entendi-  
mento se produzem, no entendimento se recebem;  
pois se a fẽ està no entendimento, como a poem Chris-  
to agora nas mãos, *Lucernæ ardentes in manibus vestris*?  
Hũa razam muy verdadeira he, porque a fẽ practica,  
que Christo aqui ensinava, nam consiste tanto em ver-  
dades do entendimento, quanto em liberalidade das  
mãos. Nam he mais fiel quem melhor discorre, se nam  
quem concorre melhor. Por isso nos representa Christo  
a fẽ em figura de tochas; porque a tocha se està acce-  
sa gasta se, & se nam se gasta, està apagada. O quantas  
tochas, que puderam luzir gloriosas, se vem nesta oc-  
casião apagadas miseravelmente! *Lucernæ ardentes in  
manibus vestris*: Portuguezes; se a fẽ he tam ardente  
como deve ser veja se luzir nas mãos. Apertare se as  
mãos, he signal de frieza, & que nam arde fogo no cora-  
çam.

çam. Amavam muito os Magos, & criam verdadey-  
 ramente naquelle Rey que acclamaram em Ierusalem,  
 & como sabios vede a protestaçam que fizeram de sua  
 fè. *Proidentes adoraverunt, & apertis thesauris suis ob-  
 tulerunt.* Prostrados por terra adoraram, & abrindo seus  
 thesouros offereceraõ. Saõ Leaõ Papa. *Quod cordibus cre-  
 dunt, muneribus protestantur.* Na liberalidade com que  
 davam, protestaram a verdade com que criam; & por-  
 que dahi costuma estar o coração onde està o thesou-  
 ro, fizeram os seus thesouros interpretes de seus cora-  
 çoens. *Quod cordibus credunt, muneribus, protestantur.* Se  
 vissemos que entravam os Magos em o presepio, & que  
 vendo naquelle estado a seu Rey, lhe nam faziam ser-  
 viço de suas riquezas; que diriamos? Diriamos com  
 muita razam que nam criam nelle verdadeiramente,  
 & que aquellas cortezias foram enganosas, & a quel-  
 las adoraçoens fingidas. Adorar, & não offerecer, quã-  
 do o Principe està em necessidade, dobrar os juelhos,  
 & nam abrir os thesouros, nam he vicio de avareza, he  
 crime de infidelidade. Fè, & liberalidade sam virtu-  
 des synonimas, & quem està duvidoso no dar, nam està  
 firme no crer. O que os Magos offereceram a Christo  
 foi Ouro, Incenso, & Mirra; & dizem todos os Pa-  
 dres, & com elles cõformemente a Igreja, que no ouro  
 confessaram que era Rey: no incenso, que era Deos: na  
 myrrha que era homem. *Auro Regem, Thure Deũ, myrrha  
 mortalem.* Oh grande confirmaçam do que dizemos! De-  
 forte q̄ interpretaraõ os Magos a sè pella liberalidade  
 & para confessarem tres artigos offereceram tres dona-  
 tivos. *Auro Regem, Thure Deum, myrrha mortalem.*

Pois se a fè se explica pella liberalidade, se o dar he synonimo do crer, se a obediencia dos Reys se protesta cõ ouro nas mãos, *Auro Regē*, como não temerei eu q̄ ha rebates de peste, ou sospeitas de pouca fè em Portugal, quãdo a liberalidade se perverteo em cubiça, & em vez de se pagarẽ tributos, pode ser q̄ se multipliquẽ latrocinios? He bõ genero de fè esta? Eu o direi. Pergütaraõ os ministros reaes a S. Pedro se havia seu Mestre de pagar tributo a Cesar, & respõdeo q̄ si, mãdou Christo a Pedro que fosse pescar, q̄ na boca do primeiro peixe acharia a moeda q̄ se pedia. *Et da eis pro me & te*, & pagai, Pedro por mi, & por vòs. Notai. Christo era Senhor do mundo. S. Pedro era Principe da Igreja, & cõ tudo diz o Senhor pagai por mi, & por vòs, *da eis pro me & te*, por q̄ os tributos dos Reys, principalmẽte em tempo de neccsidades grãdes, tambẽ os grãdes, & senhores he bẽ q̄ os paguem. Nos bẽs, & males cõmús ninguẽ he privilegiado, sintaõ todos o mal q̄ toca a todos. Mas não era isto o q̄ eu queria pôderar. O em q̄ muito reparo he em mãdar a providẽcia de Christo, q̄ S. Pedro pagasse o tributo. Pagar o tributo parece q̄ tocava por razã de officio ao Apostolo, q̄ tinha o dinheiro; pois se Iudas era thesoureiro, ou procurador, se Iudas era o q̄ tinha a bolsa do Collegio Apostolico, porque não mãda Christo pagar o tributo a Iudas? Direi o por q̄? Por q̄ quẽ tinha animo pera vèder a seu Senhor, não tinha sitio pera pagar o tributo. Não pagou o tributo Judas, por q̄ os Iudas não pagaõ tributos. Vejase agora se ha sospeitas de pouca fè, se ha feridas de infidelidade em Portugal.

Glorioso S. està he a primeira peste de q̄ vos peço nos

livreis este Reyno; & senam fora por temor de alguma irregularidade, não sey se vos pediria tambem que curasseis como a curou Sam Pedro. Defraudou Ananias a parte do preço, que devia pòr todo aos pés os Apóstolos, como agora fazem alguns que pagam a decima mas decimada: mandao vir diante de si S. Pedro, julga o crime summariamente, notificalhe a sentença em tres palavras, & foram tam rigorosas, & executivas, q̄ no mesmo ponto com assombro, & tremor dos circunstantes cahio morto aos seus pés Ananias. Tanto rigor em hum discipulo de Christo na piedade de hum Apostolo, nas entranhas de hum S. Pedro, por huma culpa ao parecer nam tam pezada? Si diz S. Ambrosio, & dà a razão *Tanta erat infectus avaritia pestilentia, ut Sanctus cum Petrus, non tam emendare voluerit, quam damnare.* Deu sêteça de morte repentina S. Pedro a Ananias por defraudador somente do preço prometido; porque como estava inficionado com a peste da avareza, & podia inficionar, & apestar a outros, teve por melhor tirarlhe a vida, que esperarlhe com perigo a emenda. Cõ este rigoroso remedio se curou ja alguma infidelidade em Portugal, exemplo que he bem ande nas memorias sempre vivo; mas aos fielmente Portuguezes bastevos o do glorioso Sam Roque para q̄ assi como elle deu estado, riquezas, & quanto possuhia pella patria do Ceo, demos nõstam bem com apostada resoluçam quanto temos pella defensam da nossa. Ainda ha comendas, ainda ha rendas, ainda joyas, ainda ha coches, ainda ha galas, & regalos, & em quanto houver sangue nas veas, haverà muito q̄ dar. Dese tudo pella patria, que nella, fica assi como deu



Saõ Roque tudo para nella o achar. E se o exemplo de S. Roque, por alto, nos desmaya, e ha olhos fracos, q̄ cegaõ cõ tâta luz, abaixemos hũ pouco a vista, & veremos retratada aos pés do S. hũa acçaõ irracional, mas generosa, q̄ quanto mais falta de uso da razaõ, estranha, & reprehende mais justamẽte as femrazoẽs de infidelidade humana. Todos os authores antigos fizeraõ ao caõ symbolo da fidelidade; & quando esta nobreza naõ fora taõ antigua naquelle animal, o de S. Roque pudera ganhar este titulo para toda a sua especie. Estava S. Roque no cãpo deitado ao pè de hũa arvore pobre, desconhecido, solitario, enfermo, & no meyo deste desẽparo tinha hũ caõ, q̄ levãdo todos os dias hũ paõ na boca se comer delle bocado, o sustetava. Isto si q̄ he ser leal; isto si q̄ he ser exẽplo da verdadeira fidelidade. Chegar a tirar o paõ da boca para sustetar cõ elle a seu Sor. Lastima he que carecesse tal generosidade de uzo de rezam, quando vemos tantas almas racionaes tam mal empregadas em sojeito de menos honrados procedimẽtos.

VII. A segunda peste (muito me diteve na passada; ferà esta a peste pequena) A segunda peste, de fine se. Muita fé, ou muita confiança, & deste mal està inficionada muita gente, que se chamaõ os demaziadamente confiados. Explicome. Ha cidades em Portugal, q̄ sem estarem tam longe de Castella, como Roma de Cartago, nem as dividir hum mar, senam hum pequeno rio, & a algumas huma linha Mathematica; taõ confiadas estam de si mesmas, q̄ por mais que sam mandadas fortificar, naõ se fortificam, havendo (a maneira dos Spartanos) que onde estam os peitos de seus Cidadãos nam

fam necessarias muralhas. Ha homens em Portugal, que sem terem gastado os annos nas escholas de Flandes, nem campeado nas fronteiras de Africa, por mais q̄ os mãdaõ ter armas, & exercitallas tẽ por afronta, ou por ociosidade este exercicio; como se fora contra os fõros da nobreza prevenir a defensam da patria, ou poderaõ, sem exercitar as armas, entrar naquelle numero ordenado de gente, que por constar de homens exercitados se chama exercito. He boa confiança esta com o inimigo á porta? He muy demaziada, & muy errada confiança desconfiar por temor, he covardia; mas desconfiar por cautella, he prudencia. Nam quero desconfiança q̄ faça desmayar; desconfiança que faça prevenir, si. E este segundo modo de desconfiar he muy necessario, principalmẽte aos Portuguezes, cujo demaziado valor os fez algumas vezes tam confiados, que o vieram a sentir mal prevenidos. A moderada desconfiança, naõ he achaque, senam esmalte da valentia. O valente dizẽ que hade ser desconfiado, ao menos hum soldado Francez sey eu, & na milicia de sua profissam soldado de fama, o qual sempre foi valente ao desconfiado; S. Roque. O que pondero he que deixou u Sam Roque huma vez a patria, & despois se tornou pera ella. Que deixasse a patria quẽ queria seguir a Christo com seguro dictame obrava; que no remanso perigoso da patria, principalmente os poderosos como Sam Roque mais occasiam tem de offender, que de servir a Deos, pois se deixa a patria, & foge della: porque a torna a buscar? Em huma, & outra resoluçam obrou como desconfiado Roque. A primeira vez fugio da patria, porque desconfiou  
de

de sua virtude: a segunda vez tornou para a patria por que desconfiou de sua fugida. Como se fizera este discurso o Santo entre valente, & desconfiado consigo. Eu se fico na patria, as occasioens sam muitas: se me falta virtude para as resistir, fico vencido. Pois que remedio? naõ ha outro senaõ fugir; alto, deixemos a patria. E despois de ater deixado, como se tornara sobre si: fugir (diz Roque) he covardia: nam querer vir ás maõs com o inigo, he pouco valor. Pouco valor em hum soldado de Christo? Nam ha de ser assi: animo, volte-mos outra vez para a patria; & assi o fez. Elias retratado. Foge Elias de Iesabel, que lhe queria tirar a vida, chega ao deserto, & começa, a chamar, & desafiar a morte. *Potivit animæ suæ, ut moreretur.* Tudo succedeo no mesmo dia para ser mais achada a repugnãcia. Se teme o Propheta a morte, como a chama? E se foge della na cidade; como no deserto a desafia! Sam desconfianças de hum bem entendido valor. Na cidade fugio da morte porque desconfiou de sua fortaleza: no deserto desafiou a morte, porque desconfiou de sua fugida. O meyo em que consiste a fortaleza he entre o temor, & a ouzadia temeo, & ouzou Elias sempre desconfiado, para em huma, & outra acção se mostrar valente. Tam longe està de valente o timido, como o temerario; & se em alguma parte està mais perigosa a cõservaçam, he na presunçam de segura. Nem aqui nos faltará o Evangelho.

Quer Christo que estejamos em vella, bem assi como o fazem os servos diligentes, que esperam por seu Senhor. *Vt cum venerit, & pulsaverit* [Aqui reparo]

para que quando vier a bater. Bater? logo fechadas ham de estar às portas. Pois se fazem tantas diligencias, por pressa, & mais pressa, se ham de estar as roupas na cinta, se ham de estar as tochas nas mãos, essas ja accesas; porque não estaram tambem as portas abertas? Porque ensinava Christo a seus discipulos a ser vigilantes, & não bastam para a segura vigilancia olhos abertos com portas abertas: senam olhos abertos com portas fechadas. *Ut cum venerit, & pulsaverit.* Para que quando vierem de fôra achem em que bater primeiro. E se não bastam olhos abertos com portas abertas; que seria portas abertas cõ olhos fechados? Por semelhante de scuydo se perdeu Troya. *Panduntur portæ: Eis ahi as portas abertas. Invadunt urbem sonno viroque sepultam.* Eis, ahi os olhos fechados. O que importa he moderar a confiança com a cautella, & segurar o valor com a vigilância: vigiar, armar, & fortificar, exercitar, trabalhar, q̃ ainda que se tem trabalhado tanto, a empresa foi muito grande, & he necessario mais.

VIII. E o q̃ mais necessario he q̃ tudo (atègora como a Portugueses, agora como a Christãos) he que as negligencias de dentro nam desanimem, & descomponhaõ as diligencias de fôra. Quem me dêra neste passo as forças, & o spiritu que não tenho. He possível que quando estamos recebendo enchentes de beneficios da divina misericordia, não façamos se não provocar com peccados a divina justiça! que quando deveramos andar humildes, & a gradecidos a tantas merces, armemos os favores do Ceo contra o mesmo Ceo, & façamos guerra a Deos com seus beneficios! que a-

inda

inda se guarde pouca justiça! que ainda se trate pouca verdade! que agora reynem mais as invejas! que agora estejaõ mais em seu ponto as ambiçoens? que agora, por que Deos está por nós, nos ponhamos nós contra elle; he boa confiança esta: Grandes motivos nos tem dado Deos de grande confiança; mas antes nos quer menos confiados de suas misericordias, que pouco attentos a nossas obrigaçoens. *Et vos stoti parati* (diz Christo por conclusam do Evangelho) *quia qua hora non putatis filius hominis veniet.* Estai preparados; & prevenidos, porque na hora em que menos o imaginais, vos pediram conta da vida. Muito he difficultar Christo o remedio em hũa hora, a quem o pode ter num instante! Se hum instante basta (que tal he a bondade de Deos) para hum arrependimento final, como nos atemoriza o Senhor cõ as brevidades de hũa hora? Parece que he estreitar os limites, & diminuir a opiniaõ gloriosa de sua misericordia infinita. Assi parece, naõ ha duvida; mas quer Deos antes menos reputada sua misericordia que demasiadamente confiada nossa esperança. Confiar em Deos offendendoo, he venerar hum attributo com injuria doutro, & presumillo tam misericordioso; que possa ser menos bom. *Absit vt ita aliquis interpretetur:* Deos nos livre de sermos tam mãos interpretes de sua bondade (diz Tertuliano) *quasi ex redundantia clementia caelestis, libidinem faciat humane temeritatis:* que nos sirva de tentação a liberalidade divina, & façamos costas a nossas temeridades cõ os exemplos continuos de suas misericordias.

Miseria he, & cegueira de entédimentos grande, que nos traga desvanecidos, & descuidados, o que nos de-

vera fazer humildes, & temerosos. Porque Castella se  
vay percipitando a taõ conbecida ruina nos damos nõs  
por seguros? O miseria! porque Castella se vé em esta-  
do, q̄ já não pode resistir a seus inimigos, nos imagina-  
mos vencedores dos nossos? O cegueira! Alegranos vã-  
mente o q̄ nos devera confúdir, animanos o q̄ nos deve-  
ra assombrar, & enchenos de confiança, o que nos deve-  
ra encher de temor. Naõ fallo do temor q̄ faz temidos,  
senaõ do temor q̄ faz timoratos; não do temor que faz  
temerosos dos homẽs, senaõ do temor q̄ faz tementes a  
Deos. Pergunto, senhores, porque está Deos irado con-  
tra Castella, & a castiga taõ rígurosamente? Naõ ha du-  
vida, q̄ por seus peccados, por suas maldades, por suas in-  
justiças, por suas soberbas, por suas incõtínẽcias, &c. bo-  
as testemunhas somos como cóplices hũ tẽpo dos mes-  
mos delitos. Pergunto mais. O Deos de Castella, he o  
mesmo q̄ o de Portugal, ou outro? Esta pergũta não tẽ  
repõsta. Pois o Deos he o mesmo, & em Castella castiga  
peccados; como ha de premiar peccados em Portugal?  
Se Castella té a ruina em seus vicios; como havemos nos  
de ter a segurãça nos nossos? Oh q̄ bẽ apertou a força  
desta razão o Propheta Nahũ fallado cõ a cidade de Ty-  
ro. *Num quid n̄ eliones: Alexãdria populorũ, que habitat in flu-  
minibus, &c.* Por ventura, ó Tyro sois vòs melhor que a  
grande cidade de Alexandria cabeça de tantas Provin-  
cias? Por ventura, ò Portugal, sois vòs mayor, & mais  
populoso, que Hespanha, todo de quem ereis parte? *Et  
tamen ipsa. abiit in trasmigrationem;* & com tudo Alexan-  
dria, ò Tyro foi destruida, & com tudo Hespanha, Por-  
tugal, vayse acabando. Pois se a Monarchia famosa das  
Hes-

Hespanhas: se aquella, que pouco ha dominava facilme-  
te o mudo, assi a castiga, & aniquila Deos por seus pec-  
cados: se lhe não val a Hespanha seu dilatado Imperio,  
senaõ se sustenta nos estribos de sua grãdeza, se de suas  
proprias entranhas brotaõ as labaredas, com que se vay  
consumindo este Ethna, se tantos exercitos espalhados  
pello mundo a não defendem, se tantas frotas, & tantos  
milhoens a não lo corrẽ, se tantas oraçoens (que he ma-  
is) & tanto culto divino, se tantas penitencias, & sacri-  
ficios naõ bastaõ a ter maõ no braço irado da divina jus-  
tiça: se tão provaçaõ a Deos os peccados de Hespanha,  
porque não teme Portugal os seus; porque os não teme,  
& os não choia? Naõ nos femos indiscretamente em  
milagres, & favores do ceo: porque em grandes miseri-  
cordias ensaya Deos grande castigo, & todo este bem  
perderemos, se formos ingratos. Com grandes milagres  
& prodigios livrou Deos ao povo de Israel do cativeiro  
de Faraõ em q̄ estavaõ, & com tudo de tantos mil q̄ sa-  
hiraõ do Egypto, porq̄ peccaraõ despois de taõ grãde  
merce, só dous entarãraõ na terra de promissaõ. Liber-  
touos Deos por affligidos, & despois castigouos por in-  
gratos. Fiquenos esta advertẽcia Christãos, cõsidere-  
mos bé esta verdade, obremos pellos dictames deste de-  
sẽgano, para q̄ saibamos o q̄ principalmẽte devemos te-  
mer, & sobre que bases podemos fũdar segura a firme-  
za de no ssas confianças. Agradar, & servir a Deos, & lo-  
go confiar animosamente.

E para q̄ sejaõ efficazes estes remedios, Roque divi-  
no, de baixo de vossa prottecçaõ, & favor esperamos os  
effeitos de virtude Francez, & Portuguez sois glorio-

fo Santo, & em hum, & outro titulo estam bem fundadas nossas esperanças. Quem melhor, nos socorrerá q̄ hum Francez quando as florentes Lizes de França com taõ hermanada correspondencia, assistem ao lado das Quinas Portuguezas? E quem mais natural Portuguez, & mais verdadeiro, que aquelle, que nasceo cõ o habito de Christo sobre o peito esquerdo publicãdo que era cavalleiro Frãcez por geraçãõ, mas Portuguezes por nascimento? Todo o Reyno de Portugal vos encomendo divino Roque, pois tam duplicadas são as razões cõ que confia em vosso favor. Encomendovos esta Cidade que com tanta devaçãõ, & frequencia solemniza vossas sagradas memorias. Encomendovos esta Casa, que tam autorizada està com vosso patrocínio, & taõ rica & taõ santificada com o thesouro de vossas preciosas reliquias Encomêdovos, mas naõ vos encomendo, que naõ he necessario, a vossa real, & illustrißima Irmandade, em que vos fervirão os Reys, & vos serve a melhor nobreza, & particularmente, como tam particular nelle, vos encomendo glorioso Santo, a quem hoje com tam lembrada prevençãõ, & com taõ anticipada liberalidade celebra vossa festa ausente. A pessoa, a causa, os beneficios pedê que tendais boas ausencias com quem as sabe ter tam pontuaes; & ainda que em distãcia tanta; là chega tam bem a jurdiçãõ milagrosa de vossos poderes, que a hostilidade de nossos mal reconhecidos amigos, q̄ ainda alli não cessa, peste foi daquelle estado, & peste do mûdo. Deste mal tam pernicioso nos ajudai a livrar poderoso Santo, aquella tam dilatada Provincia, a mais rica, e mais preciosa joya desta Coroa; para q̄ ou no descanso

da



da verdadeira paz, ou na superioridade de victoriosa guerra, se luza a conhecida prudencia, & valor de quem vos serve, & governa, & o sempre, & em toda a parte eficaz patrocínio de vossa sagrada intercessão, pela qual esperamos tambem, mediatamente a graça, a gloria.

*Quam mihi. &c.*

## LAVS DEO.



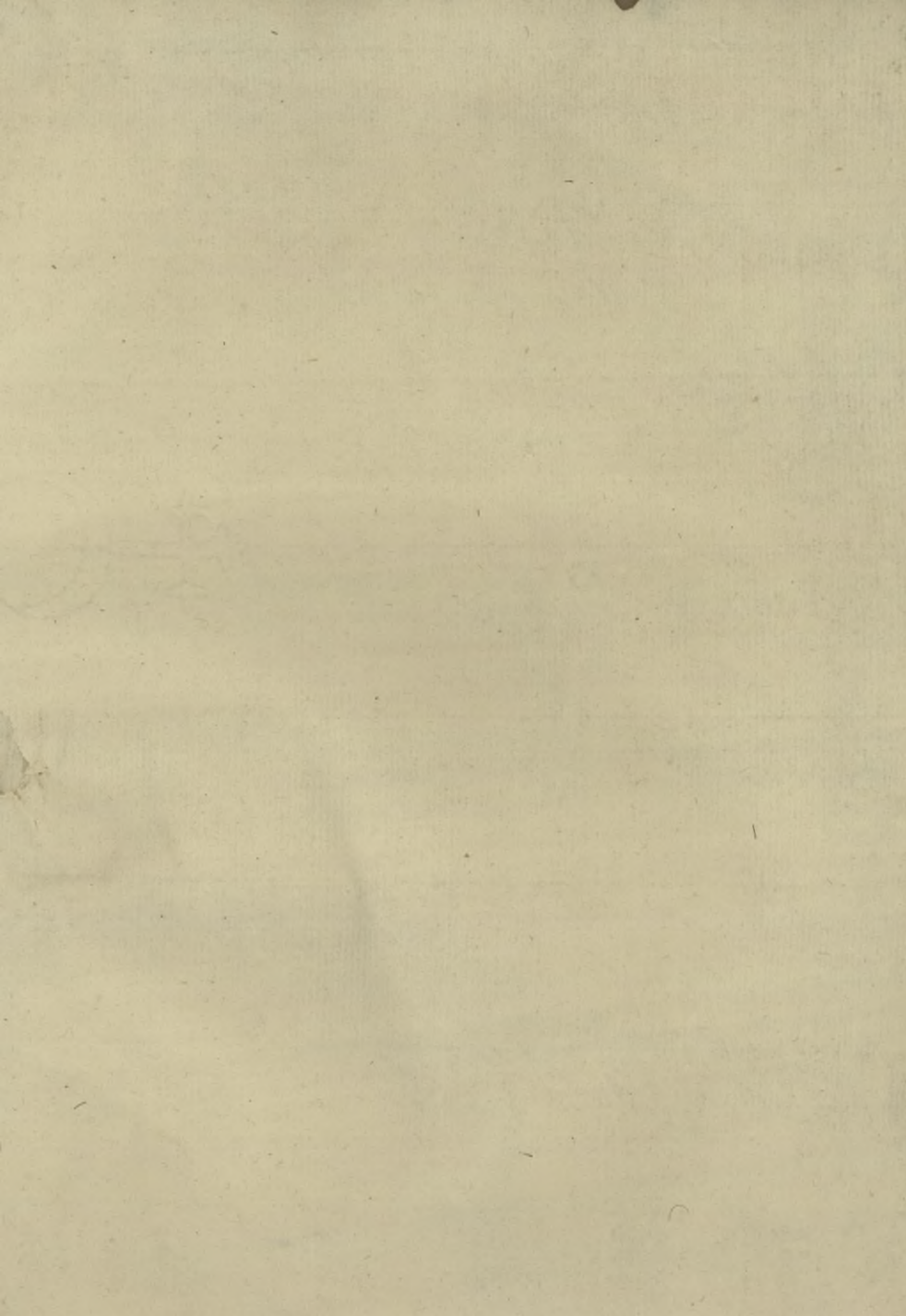
da mesma Ordem.

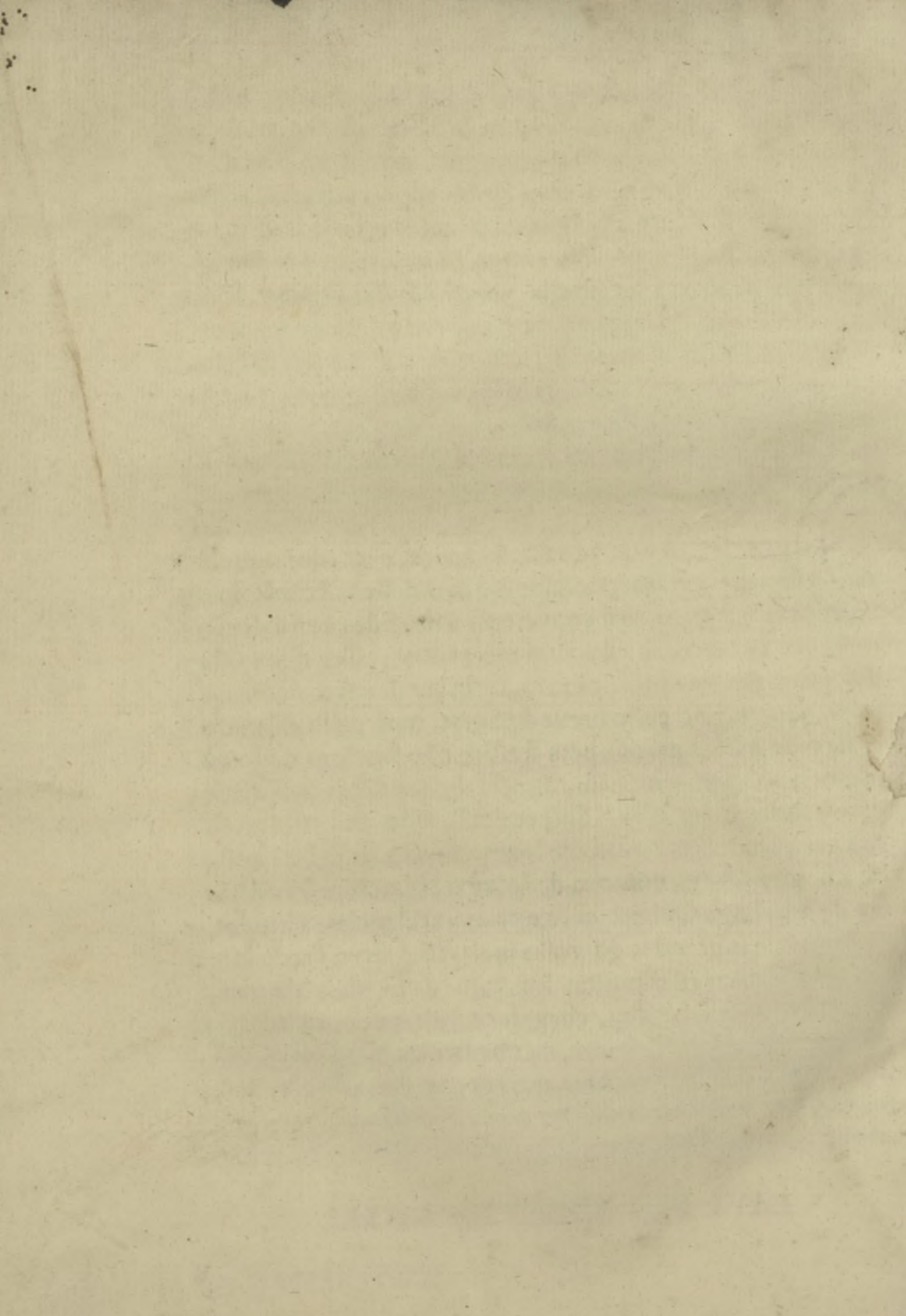
M. P. OLIVEIRA

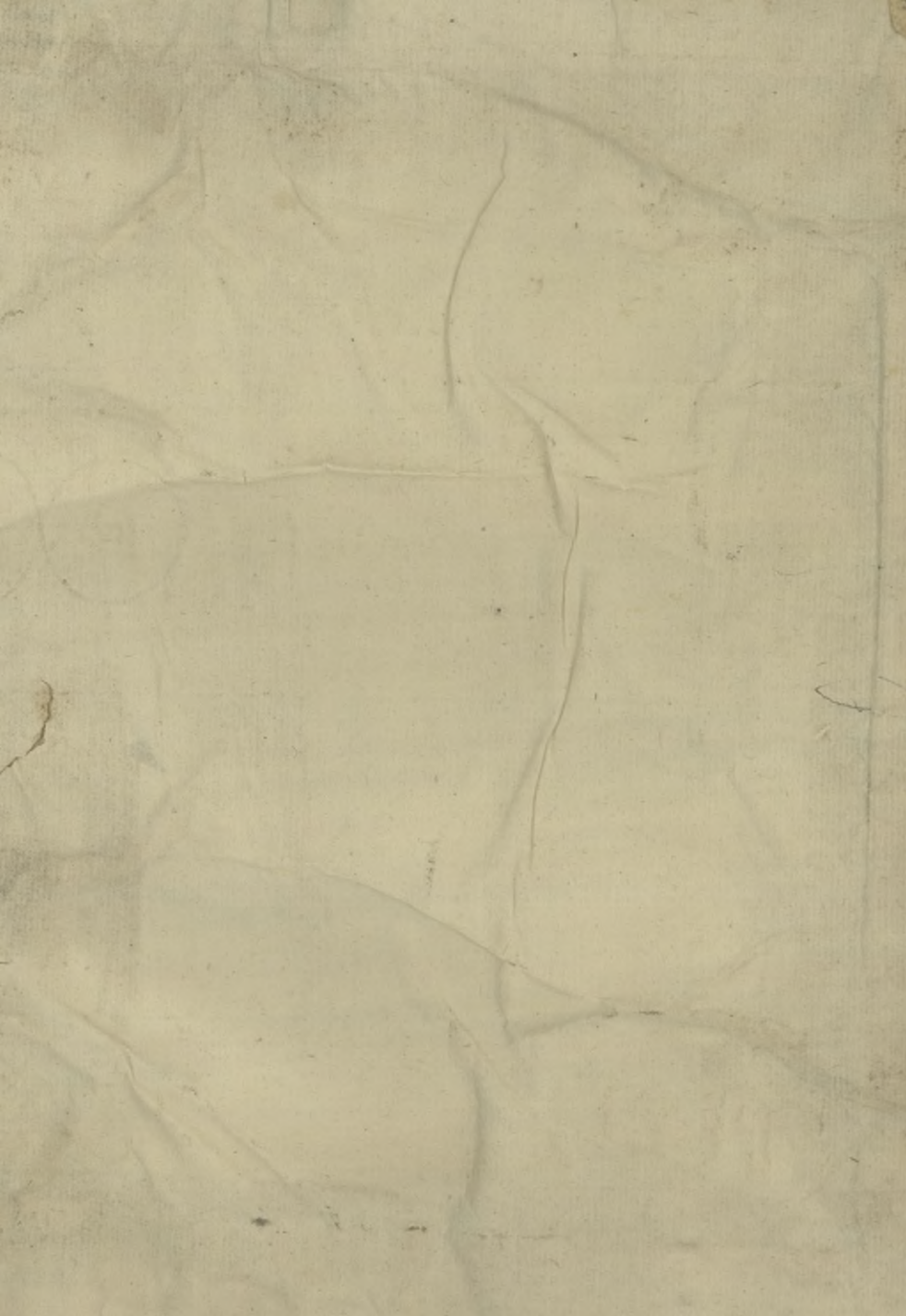
de THOME CARVALHO Impressor  
de Veneza, Anno de 1572.

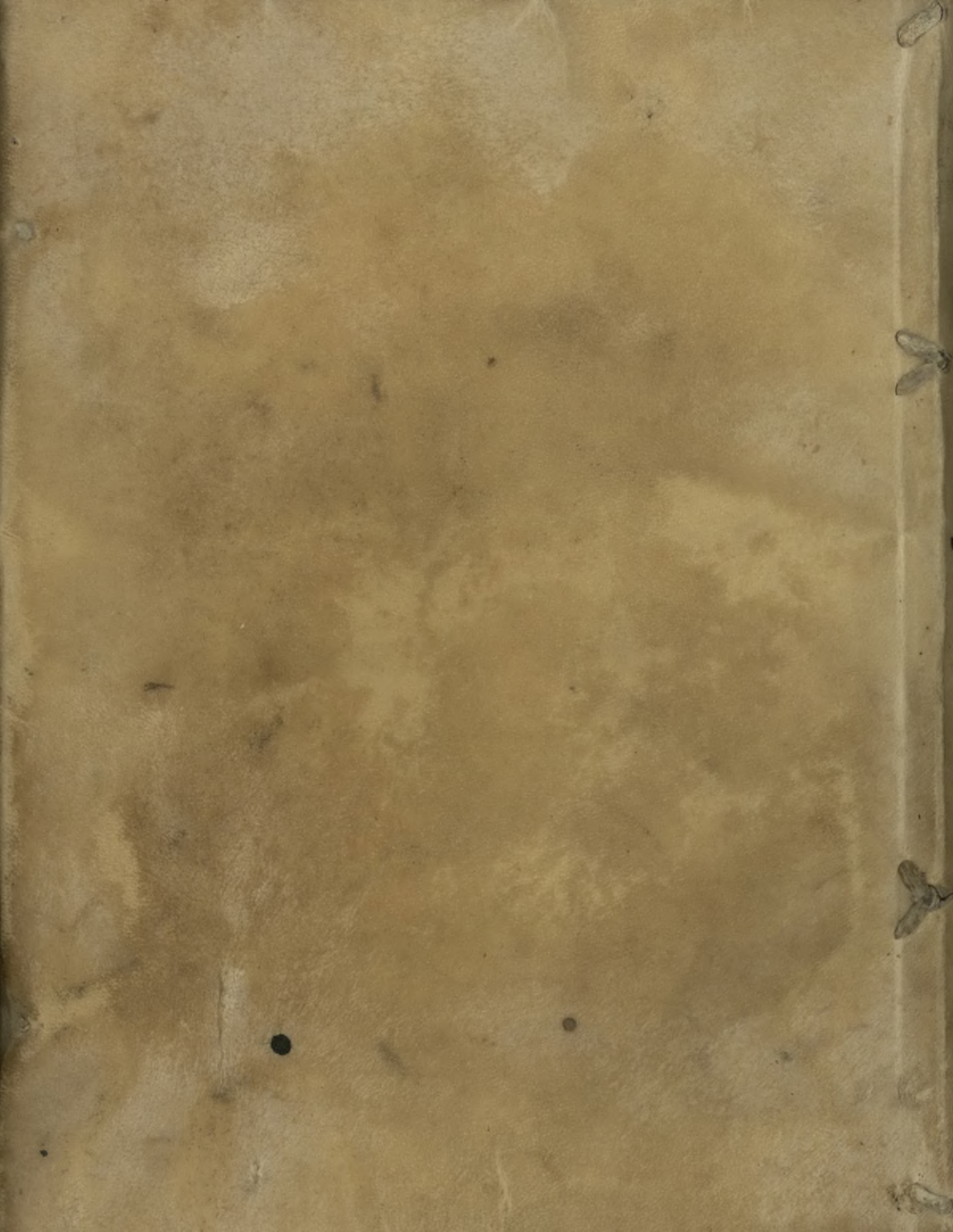
de Veneza, Anno de 1572.











32

Tom. XXV